

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA BIBLIOTECONOMIA E SUA RELAÇÃO COM AS DEMAIS PROFISSÕES DA INFORMAÇÃO *

Suzana Pinheiro Machado Mueller **

RESUMO

MUELLER, S. P. M. *Reflexões sobre a formação profissional para biblioteconomia e sua relação com as demais profissões da informação. Trans-in-formação, 1(2), maio/ago. 1989.*

Analisa o conflito entre os três aspectos da biblioteconomia: a prática da profissão, a pesquisa e o sistema de educação e treinamento. Visualiza algumas saídas para o conflito tendo em vista a amplitude da profissão, o que coloca a necessidade de uma biblioteconomia diversificada em níveis curriculares.

UNITERMOS: *Prática biblioteconômica. Ensino, Pesquisa, Sistema Educacional.*

Em primeiro lugar, quero agradecer muito o honroso convite para estar aqui hoje com vocês. Quero agradecer a Direção da Escola pelo convite, e a vocês pela presença.

O tema que escolhi para esta aula de hoje é a nossa profissão. São algumas reflexões sobre um tema que tem me preocupado muito, o futuro de nossa profissão, seu campo de trabalho, e, como não poderia deixar de ser, quando se reflete sobre esse assunto, a preparação para o desempenho profissional.

A justificativa da escolha do assunto decorre de dois pontos principais: primeiro, o fato de vocês estarem aqui significa que fizeram a decisão de se aprimorarem como bibliotecários, ou, para os que vêm de outra área, de ingressarem no campo de trabalho da informação. Por isso vieram fazer o mestrado. E questões relacionadas com a profissão na qual vocês estão investindo tempo e esforço estarão presentes durante todo o curso, e também depois, durante toda a vida profissional.

* Palestra realizada na aula inaugural, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Curso de Pósgraduação em Biblioteconomia e Documentação, agosto, 1989.

** Departamento de Biblioteconomia – Universidade de Brasília.

A segunda justificativa tem a ver com o movimento desencadeado pelo Conselho Federal de Biblioteconomia e por outros grupos propondo o exame da Lei nº 4084/62, que regulamenta nossa profissão. Não resta dúvida que essa lei já se tornou inadequada. O momento atual e as perspectivas para o futuro, mesmo as mais conservadoras, divergem muito do momento e das expectativas vigentes quando da promulgação da Lei, aprovada em 1962. Faz-se necessária uma revisão. A iniciativa, no entanto, merece muita atenção, e qualquer decisão que venha ser tomada exige profunda reflexão. Reflexão sobre nossa atividade e sobre a sociedade para a qual atuamos, que afinal é quem tem o poder de legitimar nossa atividade profissional. Acho que todos nós devemos, temos mesmo a obrigação de pensar e participar das decisões que irão orientar o rumo de nossa profissão. Daí a escolha do tema.

Biblioteconomia – a prática e o discurso

Poderíamos dizer com Dosa(1) que uma profissão é composta de três elementos: a prática da profissão, a pesquisa que visa contribuir para o desenvolvimento da área e o sistema de educação e treinamento profissional de seus membros.

Esses três elementos devem interagir constantemente, cada um deles exercendo influência sobre os demais. Assim, o rumo que a prática, a pesquisa e a formação profissional tomam ao longo do tempo deve ser um só.

Considerando a Biblioteconomia sob esse prisma, detectamos vários problemas:

- existe uma prática real, bem perceptível e presente em nossas bibliotecas e centros de informação, mas existe também um discurso que reivindica para a biblioteconomia um campo de trabalho muito maior;
- o sistema de educação e preparação profissional oficialmente reconhecido estabelece apenas um curso como entrada legal para a profissão. Esse curso, a graduação em biblioteconomia, pelas suas características, não pode formar novos membros com a diversidade de conhecimentos e habilidades, que o extenso campo de trabalho reivindicado necessitaria. Existem cursos de mestrado e se pensa em instalar em breve pelo menos dois cursos de doutorado(*), mas esses cursos não formam bibliotecários, porque a lei só reconhece o curso de graduação como apto a formar profissional;
- tem havido um aumento na quantidade e na qualidade dos estudos

(*) A Universidade de Brasília e a Universidade Federal do Rio de Janeiro estão ultimando seus planos para iniciar cursos de doutorado em Biblioteconomia e Ciência da Informação. E a Universidade de São Paulo oferece um doutorado em Comunicação, com a área de concentração em Biblioteconomia.

e pesquisas realizados nas áreas em questão, oriundos principalmente daqueles cursos de mestrado, mas também af percebe-se que esses trabalhos parecem se ressentir da falta de uma definição mais clara do campo de trabalho. Alguns setores têm criticado os cursos de pós-graduação e a produção de dissertações e pesquisas como "alienadas" da realidade nacional.

A difícil tarefa da identificação do campo de trabalho.

A dependência do ser humano de informações está presente em todos os momentos da vida. Nossa atividade profissional, que tem a ver com a obtenção de informações, é por isso mesmo difícil de limitar, além de ser extremamente sensível ao ambiente. Qualquer alteração nesse ambiente pode, potencialmente, influenciar não só a prática profissional, mas até mesmo os princípios em que se baseia essa prática. No entanto, uma atividade profissional deve reconhecer a natureza de sua função e os objetivos do seu trabalho. Conosco, contudo, porque, a informação permeia todas as atividades humanas, torna-se difícil discernir com clareza o que é próprio ou não da atividade profissional, o que é viável assumir como responsabilidade profissional. Esse problema, que tanto nos afeta, está presente não apenas entre nós, bibliotecários brasileiros, mas em toda a parte, como atesta a a literatura internacional.

A crise de identidade da profissão está bem retratada na frase de Patterson, publicada em editorial de um fascículo da revista **Journal of Education for Library and Information Science**, da Association for Library and Information Science Education, ALISE, Estados Unidos, comemorativo do centenário de instalação dos cursos de Biblioteconomia naquele país:

"Depois de mais de um século como associação organizada de bibliotecas, neste momento, em que fazemos uma pausa para comemorar o centenário dos cursos de educação para biblioteconomia neste país, ainda lutamos com o problema de identidade, de quem somos, que fazemos, que ensinamos, e como nos denominamos"(2).

Em um fascículo recente da Library Association Record, de maio de 1989, há uma pequena notícia intituada "O que um bibliotecário faz, na realidade?"(3). Alegando estar a definição da profissão nebulosa e pouco discernível, a nota informa a constituição de um grupo de trabalho para estudar a questão e chegar a uma definição de nosso campo de trabalho. As funções da profissão parecem claras, mas não o campo de trabalho.

A mesma indefinição é também perceptível na onda de alterações de currículos e títulos dos cursos, antigamente de Biblioteconomia - Librarianship na Inglaterra e Library Science nos Estados Unidos - hoje rebatiza-

dos para acompanhar as mudanças de conteúdo, para Estudos de Informação, Ciência da Informação e outros.

As dúvidas, se seguirmos a literatura, parecem ter-se instalado pouco a pouco no seio de uma atividade antes aparentemente clara e bem definida, e decorrem, naturalmente, da evolução da sociedade em todos os seus aspectos, que faz surgir novos espaços profissionais, os quais pelas suas características são reconhecidos como nossos espaços, ou afins com nossa responsabilidade. Mas a ocupação desses novos espaços exige competências, habilidades e atitudes nem sempre presentes no grupo profissional. Acontece que se há novas demandas, elas serão respondidas. Os espaços profissionais não ocupados não permanecem vazios por muito tempo. São logo ocupados por quem se qualifica ou se torna competente para isso. E daí nasce um conflito entre o desejo da classe de reter o domínio sobre esses novos campos de trabalho, e as estruturas atuais de ensino e preparação profissional, que não conseguem acompanhar com a mesma rapidez a evolução da técnica, dos conceitos, da demanda. Desse conflito nascem dúvidas até mesmo quanto à legitimidade da atuação de bibliotecários em áreas até agora consideradas centrais à profissão, como, por exemplo, a área da informação especializada.

A conquista do espaço profissional.

O problema não se mostra com a mesma intensidade em todas as frentes de atuação profissional. Quando há consenso entre os segmentos da profissão quanto à pertinência do atendimento a uma demanda emergente, e, ao mesmo tempo, a estrutura educacional aceita e comporta as mudanças necessárias, a ocupação desses novos espaços se torna possível. Esse foi o caso com o fornecimento de informações utilitárias. A classe profissional julgou próprio de sua função assumir responsabilidades especiais junto a populações carentes. A estrutura de ensino comportou as mudanças necessárias e disciplinas com essa finalidade foram incluídas nos cursos de graduação, enquanto áreas de concentração dedicadas ao tema foram estabelecidas nos cursos de pós-graduação voltadas a esse problema. Hoje, várias bibliotecas e bibliotecários atuam nesse campo, e estudos e pesquisas têm focalizado o tema.

Outras vezes pode acontecer que embora haja o desejo da classe de assumir novas responsabilidades e ocupar plenamente um novo espaço, e sejam feitas tentativas de preparação profissional para isso, não se conseguem bons resultados. De certa forma, isso aconteceu em relação a nossa atuação profissional com informações não bibliográficas.

Em outros casos talvez não haja vontade profissional, nem possibilidade da preparação profissional para assumir novas responsabilidades, ainda que talvez haja discurso acadêmico ou profissional reivindicando tais espa-

ços. Um exemplo é a resposta à demanda por informações arranjadas em pacotes especiais, segundo a necessidade expressa do usuário, incluindo tanto informações factuais e bibliográficas como numéricas ou outras.

Ainda que todo aspecto legal seja ignorado, a preocupação com a definição dos limites de nosso campo de trabalho, acordada por todos, sociedade, classe profissional e escola, é indispensável, pois não é possível preparar recursos humanos e planejar para o futuro sem que sejam definidos os campos de trabalho, áreas de atuação e objetivos da profissão para a qual se prepara.

A necessidade de um paradigma comum às profissões de informação.

Além da dificuldade de definir com clareza o nosso campo de trabalho, temos tido ainda problemas em, ao aceitar novas responsabilidades, integrá-las e relacioná-las às áreas mais tradicionais. Em artigo datado de 1988, Dosa(4) escreveu sobre essa dificuldade:

"Nessas últimas décadas temos testemunhado a emergência da documentação, processamentos de dados, ciência da informação e telemática, em sucessão relativamente rápida. Temos feito esforços respeitáveis para definir e mesmo defender cada campo em termos de política profissional, mas nunca tivemos sucesso em descrever a relação entre esses campos, quer seja a relação desses novos campos entre si, quer seja entre eles e as áreas mais tradicionais. Essa deficiência conceptual está criando confusão internacional e está prejudicando a credibilidade de cada segmento da força de trabalho em informação. A medida que uma vaga consciência de uma indefinida "sociedade de informação" se alastra através de burocracias, da literatura popular e da comunicação de massa, e a medida que cada grupo profissional envolvido com o trabalho de informação luta para demarcar e tomar posse de seu lugar, a necessidade de um paradigma comum entre eles se torna mais presente".

A necessidade de identificar paradigma comum às áreas de informação, acredito, é tão grande quanto a necessidade de definir nosso campo de trabalho. Na verdade, não creio ser possível se chegar a uma sem a outra. Isto é, identificando-se os pontos comuns a todas as atividades de informação, se tornará possível definir e estabelecer relações entre campos de trabalho, é viável a preparação de recursos humanos para o campo todo e para cada sub-campo específico. Dosa continua a afirmação citada acima dizendo que teríamos muito a ganhar se conseguíssemos identificar um objetivo último que norteasse todo o esforço de formação profissional para a área de informação, objetivo a que todos os envolvidos pudessem subscrever sem ter que alterar os seus objetivos específicos. Isto é, se todos os profissionais das áreas envolvidas com o trabalho de informação conseguissem reconhe-

cer o objetivo último de seu trabalho como essencialmente o mesmo, estaria estabelecido um elo comum que poderia permitir a integração de toda a área.

Houve, ainda segundo Dosa, uma tentativa de reconhecimento desse objetivo comum, nos fins dos anos 60, como sendo a "orientação para o usuário". Não teria dado certo, diz Dosa, porque os vários estudos de usuário que se seguiram identificaram muitas categorias de usuários e rotularam diversos tipos de necessidades de informação, criando mais divisão do que união.

Dosa propõe que todas as profissões da informação se orientem agora para a idéia de que todo o trabalho de informação tem como meta real ou potencial o "uso da informação" e que, portanto, uso da informação seja adotado como unidade de estudo comum, mais realista do que usuário da informação. Ao estudarmos o uso da informação, continua Dosa, iríamos verificar que as pessoas o fazem com objetivos diversos, tais como, para aprender, decidir, agir, por prazer, para adquirir poder, para se divertir e por tantas outras motivações. E assim descobrimos coisas. Quanto mais coisas descobrimos e aprendemos, mais necessidade temos de saber. O elemento comum, último, em todo uso da informação é a possibilidade do desenvolvimento humano. E nisto Dosa reconhece a responsabilidade profissional. Seria o trabalho das profissões da informação aumentar as possibilidades de desenvolvimento, quer sejam aplicados nesse trabalho a tradição oral ou os mais modernos computadores. A função da educação profissional para a área seria reconhecida então como a de capacitar para a prática profissional assim orientada, fornecendo os instrumentos intelectuais, técnicos e comportamentais necessários para isto.

Concordo inteiramente com Dosa quanto à necessidade de identificação de um elemento comum que permita estabelecer relação entre as diversas profissões envolvidas com a informação, de maneira a estabelecer base comum para o planejamento dos vários programas de formação profissional. No entanto, o denominador comum proposto, na minha opinião, abre demais o leque das profissões, incluindo, por exemplo, aquelas dedicadas à educação formal e à comunicação de massa, também preocupados com o uso e o acesso à informação e com o desenvolvimento humano.

Talvez fosse mais próprio ou prático reconhecer como o elo comum que distingue e une as profissões que temos em mente quando discutimos biblioteconomia e profissões afins, o fato que tais profissões se dedicam a satisfazer, respondendo ou antecipando, necessidades individuais de informação. Individuais no sentido contrário ao de massa. Ligados por este mesmo fim, estão todos aqueles que se dedicam ao tratamento e disseminação da informação para satisfação de demandas expressas por indivíduos ou percebidas em comunidades, quer esses profissionais trabalhem em instituições tais como bibliotecas, centros de informação, centros de documentação, governamentais ou privadas, quer trabalhem independentemente.

Por outro lado, percebo que a proposta que faço, da adoção dessa orientação para satisfação de necessidades individuais como elemento comum é característica indispensável para integrar as profissões da informação aqui referidas, difere muito pouco da "orientação para o usuário" a que Dosa se referiu, e poderia provocar uma desunião semelhante a que ela mencionou. Embora pequena, a diferença, no entanto, existe: o foco de interesse, na proposta que faço, não está no usuário propriamente dito, mas no esforço profissional voltado para satisfazer necessidades individuais. No outro caso, o foco estando no usuário, sua necessidade de informação como um todo seria objeto de estudo, e todas as facetas que caracterizam tais necessidades são levadas em conta, quer sejam ou não classificadas como necessidades individuais, quer estejam ou não dentro do campo de trabalho delimitado.

A educação profissional integrada.

O esforço visando ao estabelecimento de elemento comum às profissões da informação tem como meta fornecer base única para o planejamento da preparação profissional para todas essas áreas. Algumas considerações devem ser feitas com relação a esse assunto.

A educação profissional a que nos referimos aqui deve levar em consideração dois pontos: primeiro, que a preparação profissional para as áreas da informação difere da preparação para outras áreas pela natureza de seu principal objeto, a informação. Qualquer fato que afete a vida em sociedade, como por exemplo fatores de ordem social ou econômica, descobertas e inovações científicas e tecnológicas, qualquer desses fatos, poderá afetar também a maneira como as pessoas sentem a necessidade de se informar, buscam e usam informação. Como consequência, a atividade profissional daqueles que se dedicam a responder necessidades da informação também estará sujeita às mesmas influências, e o sistema educacional que prepara os profissionais deve apresentar igual flexibilidade e capacidade de adaptação.

Segundo, que poucas vezes importa ao indivíduo que busca uma informação, se esta lhe é fornecida por um profissional dessa ou daquela área. Importa-lhe, isso sim, que o acesso seja eficiente e a informação confiável. Isto é, não serão normas ou leis que tornarão os campos de trabalho na área de informação privativos de pessoas formadas em cursos específicos. A área é extremamente dinâmica e sensível. Daí a necessidade de uma constante vigilância na adequação da preparação profissional.

Os conteúdos e a forma do treinamento para as áreas mais tradicionais do trabalho de informação, tais como a biblioteconomia e arquivologia tem sido objeto de análise e estudo e já sofreram várias atualizações. Ainda assim, parece-me, há perplexidade e confusão ante a emergência de tantas

novas frentes, justamente essas áreas menos claras, emergentes, como a informática voltada para a disseminação de informações, por exemplo, precisam ser consideradas, visando o entendimento das relações entre elas e as profissões já estabelecidas. O estabelecimento de esforços conjuntos para a formação de recursos humanos adequados seria então possível.

Tentando visualizar soluções.

Considerando agora o problema inicialmente posto:

- o conflito entre os três aspectos da biblioteconomia — a prática da profissão, a pesquisa que visa contribuir para o desenvolvimento da área, e o sistema de educação e treinamento profissional de seus membros;
- o fato do nosso sistema educacional, como legalmente estabelecido, não ter capacidade de formar recursos humanos para todo o amplo espectro do que aqui chamamos áreas de informação;
- e o fato de não ter, a classe bibliotecária, condições de absorver e muito menos originar pesquisas relevantes em todas essas áreas;

Considerando tudo isso, parece inevitável que modificações venham a ocorrer. Em tom de especulação, pois o assunto requer estudo bem mais profundo, sugiro considerar duas alternativas de solução:

"A ampla profissão da informação".

Numa primeira alternativa, sugiro considerar todas as atividades voltadas para o fornecimento de informações visando a satisfação de necessidades individuais, como o campo de trabalho e estudo de uma única classe profissional, composta de várias especialidades. A biblioteconomia seria uma das profissões integrantes dessa classe, uma das especialidades. A formação para essa ampla classe profissional, que poderíamos chamar de as profissões da informação, poderia ser realizada em diversos cursos, e em diversos níveis. Por exemplo, privilegiando assuntos ou aspectos específicos da atividade profissional, em cursos de nível técnico até o doutorado, incluindo cursos de curta duração ou "não formais". Isso seria possível, como disse Dosa, se reconhecida a base comum, o objetivo último, todos pudessem a ele subscrever sem perder sua personalidade própria, sem desistir de seus objetivos específicos. A passagem de uma especialidade para outra, e a progressão de um nível para o próximo seria possível em qualquer ponto, em qualquer direção. Os cursos de curta duração adquirem especial relevância nesse quadro. Cada especialidade, mantendo sua própria identidade, contribuiria para o todo participando do planejamento e da implementação de cursos e atividades naquelas áreas ainda mal definidas, que se situam entre especialidades. Novos cursos, especialmente "não formais", po-

deriam ser assim planejados e testados. Conforme os resultados obtidos, poderiam esses cursos ser transformados em cursos regulares, em resposta ou antecipação a fatores ambientais influentes. Conteúdos, no entanto, nunca podem ser considerados permanentes, pois a capacidade de resposta às mudanças seria a característica principal.

A profissão da informação, assim estruturada, estaria apta a atrair para seus quadros pessoas com formação e aptidões diversas, tanto para a prática profissional como para a pesquisa, como requer área tão diversificada quanto a área da informação.

"A biblioteconomia diversificada".

A outra alternativa poderia ou não ser considerada como parte do que foi descrito acima, e diz respeito somente à Biblioteconomia.

Hoje o curso de graduação é o único legalmente reconhecido e autorizado para formar bibliotecários para todas as áreas tradicionalmente atribuídas à profissão, ainda que essas áreas estejam se tornando tremendamente diversificadas. Em trabalho anterior⁽⁵⁾ tentei mostrar, de maneira muito esquematizada as várias facetas do trabalho bibliotecário, que incluíam:

- o bibliotecário curador, responsável pela preservação e organização dos registros do conhecimento;
- o bibliotecário voltado para a educação, que normalmente trabalha junto a instituições de ensino ou com Bibliotecas Públicas e cuja preocupação principal é o aprimoramento do usuário;
- o bibliotecário especializado, que trabalha com usuários também especializados e cuja preocupação principal é o fornecimento da informação propriamente dita e não o aprimoramento pessoal do usuário;
- o bibliotecário com funções de gerência, administração, planejamento de sistemas e também de políticas de informação;
- e o pesquisador, responsável pelo avanço da área.

A proposta que faço aqui retoma o tema do conflito entre o discurso profissional, as características do sistema de formação dos profissionais, e a ocupação de novos espaços profissionais e considera a impossibilidade de, em futuro próximo, modificarmos as condições que estabelecem o curso único legal.

Considerando então a situação como se apresenta hoje, propõe-se limitar a reivindicação do campo de trabalho dos bibliotecários à área realmente ocupada pela prática profissional, vale dizer, restringir esse campo quase exclusivamente ao trabalho que envolve a coleta, organização, preservação e acesso aos **registros** de informação, mais do que a informação propriamente dita. Isso significa um recuo enorme nas pretensões profissionais, e é com muita relutância que chego a conclusão de ser esse o caminho mais provável de nossa profissão. A área de suporte, a educação, e de

atendimento as necessidades quotidianas de informação e lazer do público em geral formariam — e assim seriam reconhecidas pela profissão e pelos cursos de formação profissional — o cerne da atividade profissional. Essas áreas são de importância prioritária para o país, e seu atendimento em nada diminui nossa profissão. Apenas, nesta proposta, se tornaria absolutamente prioritária, determinando o ângulo pelo qual todos os problemas seriam considerados.

Para atender ao campo de trabalho assim delimitado, o curso de graduação atualmente existente teria que ser repensado: se de um lado restringimos os campos de interesse, por outro, devemos aprofundar o estudo em todos os aspectos deste campo. A proposta que se faz aqui é a de ampliar e diversificar o curso, para oferecer habilitações em áreas específicas, que poderiam ser as tradicionais bibliotecas públicas, universitárias, especializadas, por exemplo. Ou o critério para criar as habilitações poderiam ser outros, identificados após sério estudo das necessidades e características do campo de trabalho.

A idéia básica é obter conhecimento mais profundo dos problemas ligados à aquele campo de trabalho, motivando pesquisas de ponta e aplicadas. Ao mesmo tempo, dada à limitação proposta acima, se tornaria possível às escolas oferecerem treinamento eficiente em cursos de vários níveis e duração.

Na estrutura do curso de graduação proposto, a passagem do estudante de uma habilitação para outra seria possível durante o curso, e, formado o bibliotecário, nada impediria que viesse a ocupar posição em área diferente daquela pela qual optou quando estudante. Para isso, a oferta constante, atualizada e variada de cursos de curta duração, pelas escolas de biblioteconomia, seria considerada responsabilidade tão grande quanto a de oferta do curso regular.

Os cursos de mestrado e doutorado também teriam como área de concentração assuntos pertinentes à área delimitada acima.

A associação com as outras profissões, indispensável hoje, se tornaria ainda mais premente, e deveria ser bastante estimulada. Talvez, dada a limitação dos campos de atuação, essa associação tão necessária entre as profissões da informação até se torne mais fácil.

Em outras palavras, nessa segunda proposta, na impossibilidade de responder às demandas e às mudanças provocadas na sociedade pelo desenvolvimento e evolução das condições sociais, econômicas e tecnológicas, com a formação de uma classe ampla e única, diversificada e flexível, proposta mais acima, abrimos mão de disputar os novos campos de atuação na área da informação, e nos aprofundaríamos no desenvolvimento das áreas tradicionalmente consideradas bibliotecárias.

Pessoalmente, e utopicamente, acho que o caminho ideal seria a junção das duas alternativas acima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) DOSA, M. Some issues pertaining to information education and policies, **Library Science with a slant to Documentatio and Information Science**, Bangalore, India, 25(4): 193-214, December, 1988.
- (2) PATTERSON, C.D. The problem persist and the challenge continues. **Journal of Education for Library and Information Science**, 26(4): 211-214, Spring, 1986. Tradução nossa.
- (3) WHAT does a librarian actually do. **Library Association Record**, 91(5): 256, May, 1989.
- (4) DOSA, M. Some issues pertaining to information education and policies. **Library Science with a slant to Documentation and Information Science**, Bangalore, India, 25(4): 193-214, December, 1988. Nossa tradução.
- (5) MUELLER, S P M. **Participação do bibliotecário no contexto social**. Anais de Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação, 7., outubro 1988. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, CECA, Departamento de Biblioteconomia, 1989, p. 17-30.

ABSTRACT

MUELLER, S. P. M. *Reflections about professional education for librarianship and its relations with other information professionals*. **Trans-in-formação**, 1(2), maio/ago. 1989.

It analyses the three conflictant aspects of librarianship: library practice, research and educational system. Some solutions for the conflict are suggested including those related to curriculum variations.

KEY WORDS:

Library practice. Teaching, research and educational system.

Recebido em 06.10.89